



## HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE CORPOS E CULTURA EM CANUDOS, NO NORDESTE DO BRASIL: É TUDO PASSADO?

Maria Cecília de Paula Silva<sup>1</sup>

Este artigo, parte da pesquisa desenvolvida durante estágio sênior<sup>2</sup>, tem por intenção refletir sobre o conhecimento histórico como forma de apropriação de realidades situadas no tempo, no caso, do conflito exposto na realidade vivida em Canudos nos anos 1896 e 1897, por meio de uma pesquisa histórica e memorialística. A pesquisa histórica objetivou analisar as lógicas corporais e culturais referenciadas no ser humano, em seus sonhos e lutas em favor de uma comunidade mais humana. Relevante este mergulho por possibilitar uma reflexão sobre o ocorrido e o presente histórico. Ao caracterizar os saberes e técnicas corporais da época buscamos delinear, por meio de uma investigação em textos imagéticos e literários, documentos e narrativas, concepções de corpos presentes sobre o Nordeste brasileiro, àquela época.

Justifica-se por oportunizar a aproximação com as memórias e histórias de Canudos, “nossa guerra síntese. Uma comunidade pobre lutando contra poderes locais e as condições difíceis do sertão baiano” (ELIAS, 2015, p.1), com os corpos e culturas ali engendrados, perspectivando criando novas possibilidades vida.

A metodologia contemplou a produção de sentidos (VERÓN, 1980), a partir da caracterização de concepções de corpos e culturas para apreender e dimensionar determinantes históricos do ser humano em fins do século XIX. Aproximamos das fontes históricas (PINSKY, 2005) e memórias (BOSI, 2003). Esta opção deveu-se a uma necessidade de pensarmos e agirmos educacionalmente por outras vias, outras epistemologias (SANTOS, 2015). A pesquisa de campo ocorreu em 2014 e 2016, na região urbana (antiga e nova Canudos) e rural, como um sítio histórico composto pelo Parque Estadual de Canudos; o Museu Instituto Popular Memorial de Canudos; o projeto UNEB

<sup>1</sup> Pós-Doutora em sociologia/educação, Cooperação Internacional CAPES/COFECUB, Université de Strasbourg (2011-2012). Pesquisadora da Université de Strasbourg (Maison Interuniversitaire des Sciences de l'homme -MISHA). Professora Associada e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação e graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, dep. III, Salvador, Bahia, Brasil. Editora Associada da Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade/FACED-UFBA. Bolsista CAPES Processo BEX 6990/14-2. Estágio Sênior. Université de Strasbourg (2015-16). Universidade Federal da Bahia, Brasil. Endereço eletrônico: celipaula@yahoo.com.br



em Canudos; o Memorial de Antônio Conselheiro; Serra do Mirante; e uma comunidade rural. Assistimos uma peça teatral “Canudos” (2014) acompanhado de debate com os atores e produção. Participamos da 29ª Romaria de Antônio Conselheiro (2016) com o tema “Canudos, Experiência de Vida e Natureza Sustentável”.

Como resultados, consideramos Canudos uma expressão de luta, conflitos, de território e de formação humana. Expressão que denota uma determinada ideologia da época. Nossa cultura e história privilegiaram concepções de corpos que partiam de um ideal de força e domínio, numa perspectiva de naturalização. Nestas construções de dominação as guerras tornaram-se elementos de visibilidade do corpo masculino, musculoso, forte, grande, viril, guerreiro.

Canudos, localizada no polígono das Secas, sertão baiano, no vale do rio Vaza-Barris, com extensão de 2 984 km<sup>2</sup>, com 17.177 habitantes (IBGE, 2015), apresentada ao Brasil e ao mundo pelas páginas de jornais da época e por Euclides da Cunha, possui sítios históricos, arqueológicos e antropológicos e uma ainda silenciosa história. Peculiar cidade por ter se deslocado geograficamente três vezes. Surgiu no século XVIII, às margens do rio Vaza-Barris (12 km da atual). Antônio Conselheiro, o principal personagem da Guerra, ao chegar à cidade com seus seguidores, em 1893, altera o nome da cidade para Belo Monte. Teve um crescimento assustador (em 1897 possuía cerca de 25.000 habitantes). A segunda surge nas ruínas de Belo Monte, habitados por sobreviventes da Guerra. A terceira surge em função de decisão do presidente Getúlio Vargas para a construção de um açude no local, ficando a antiga Canudos imersa (1969). Houve outro deslocamento dos moradores e outro vilarejo foi formado às margens da barragem, o vilarejo de Cocorobó. Em 1985 passa a ser município, de alcunha Canudos.

A Guerra de Canudos foi um movimento de guerra do Exército brasileiro contra as ideias e liderança de Antônio Conselheiro e toda a comunidade, pelo que eles anunciavam, viviam, representavam e disseminavam, na região e no Brasil, em relação às questões políticas e religiosas, no início da república brasileira, anos de 1896 e 1897. Fernandes Neto (2011, p.4) apresenta uma argumentação que nos remete a este episódio

tivemos na ação um papel singular de mercenários inconscientes. Além disso, mal unidos aqueles extraordinários patrícios pelo solo em parte desconhecido, deles de todos nos separa uma coordenada histórica – o tempo. Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo.

A crise econômica da época, agravada pela seca e pela transformação do modo



de produção da vida, gerou um profundo desconforto e exclusão de grande parte da população brasileira, que se viu sem condições de vida. Muitos tiveram que migrar para tentar sobreviver e muitos deles se somaram à caravana já iniciada por um grupo de sertanejos e liderada por Antônio Conselheiro, um peregrino que buscava uma vida digna para os vitimizados pela exclusão social, econômica e intempéries ambientais.

Ele incomodava bastante os poderes vigentes, que se organizaram com o intuito de 'acabar com aquela possível 'rebelião'. Os políticos locais conspiraram que Conselheiro e seu grupo atacariam a vizinhança, conquistando novos espaços até a derrubada da república e retorno à Monarquia. O ambiente político da dominação age por dentro, nos corpos, sentida como uma pancada, agredidos, mesmo que de forma iminente. Gonçalves (2004, p. 13) afirma que a humilhação está "sempre a espreitar-lhes, onde que estejam, com quem quer que estejam. O sentimento de uma pancada nota-se compulsivo: vira pressentimento". Apesar da falta de provas quanto a estas acusações, o Exército brasileiro foi enviado para Canudos, e realizou inúmeras expedições militares contra os canudenses, três delas derrotadas pela população local. Como resultado de sucessivas derrotas os militares acabaram por não só vencer a última batalha, mas também destruir completamente o local, matar de degolar as pessoas e incendiar o local.

Em fins do século XIX, a compreensão do ser humano, no mundo ocidental, era derivada de uma teoria de soberania de raças e, por conseguinte, da existência de sub-raças, fadadas à extinção. Cunha (1995, p. 1), relata essa questão já na primeira página de seu livro em que anuncia seu objetivo inicial, o de

esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazemo-lo porque a sua instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra. O jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas.

O discurso apresentado é baseado em um conceito de homem que traz as características corporais como definidoras de Homem social, histórico e cultural, embasado pelo discurso da época - de raça. Este ironizava a construção ideológica e social, hegemônica à época, e classificava o nordestino como sub-raça. E no presente, o que podemos captar dessa experiência para pensarmos o presente histórico relativo às questões dos corpos



e culturas no Nordeste do Brasil? Atentos às ficções e aos discursos que apresentam o corpo como um objeto cultural, privilegiamos a análise a partir da compreensão de ser humano integral (orgânico, material, de carne, sangue, corpo sujeito, agente e objeto de construções sociais, individual e coletivo, local e global), em contraste às concepções de corpos nordestinos descritas por Cunha.

Para Silva (2009, p. 226) “as ideias de controle social pela idealização corporal (...) percorreram outros discursos, como o militar, o que nos possibilita interpretá-las como uma das características que marcam a criação cultural da época, marca cultural da busca pela hegemonia burguesa”. A respeito da aparência dos corpos e dos determinismos advindos de preconceitos que os fixam em categorias sociais e morais, Le Beton (2006, p. 78) argumenta que aspectos ou minúcias da indumentária, “conforme também a forma do corpo ou a do rosto. Os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento de raça”.

Cunha apresenta-nos dois tipos de homem, duas concepções de corpos nordestinos. O primeiro - sertanejo - um homem viril “é, antes de tudo, um forte”, inspirando-se para isso na metáfora da rocha, em virtude da resistência e da solidez do granitoque, como engenheiro, utilizou na reconstrução de uma ponte tombada (São José do Rio Pardo), porém, sem a belezadissemada na sociedade em fins do século XIX, de um padrão europeu. O segundo, do litoral, ser humano, “ouraça” inferior, contrastado ao primeiro, o sertanejo, “raça superior se comparado aos mestiços neurastênicos do litoral” (CUNHA, 1995, 179).

É certo que a Guerra de Canudos é expressão de luta e formação humana. E nas narrativas de Cunha (1995), descobrimos duas concepções distintas de corpos nordestinos. Se no início do livro ele nos apresenta os corpos nordestinos como sendo fracos e ‘fadados à extinção, eles foram realinhados e definidos em outra categoria pelo próprio autor, no decorrer da mesma obra. Após ter se deslocado até o sertão nordestino para noticiar a Guerra de perto, vivenciado a vida dura, as intempéries do clima, do tempo, ele pôde relatar a vida dura e seca do nordestino. E este registro passou pelas diversas formas em que esses corpos dos sertanejos nordestinos, completamente fora do padrão corporal hegemônico à época, superaram as adversidades impostas pelo lugar e pelo conflito armado da Guerra de Canudos.

Nossa cultura foi escrita e reescrita a partir de um ideal de força física, virilidade, coragem, domínio, construídos historicamente como sendo um fator natural e não como condição humana. Nestas construções, de clara dominação masculina, as guerras e



conflitos tornaram-se elemento de visibilidade desse corpo – másculo, viril guerreiro.

Considerando o ser humano na sua expressão genérica - o Homem-, a perspectiva dessa investigação buscou conhecer, acolher e superar os desafios impostos pela vida contemporânea, registrando as expressões culturais do Nordeste no passado, ressaltando singularidades no modo de relação do ser humano- corpo- com o mundo, por meio dos corpos e culturas. Questionamos se esta prática continua presente nos dias de hoje.

No tempo presente há uma crise entre o que regula e o que emancipa socialmente, entre experiências e expectativas, agravadas pela crescente perda de direitos. No plano epistemológico, há uma crise no pensamento hegemônico das ciências sociais, que se basearam numa cultura e razão eurocêntrica. Para Santos (2015, p.18-9) “não está em crise “a ideia de que necessitamos de uma sociedade melhor, de que necessitamos de uma sociedade mais justa. As promessas da modernidade - a liberdade, a igualdade e a solidariedade - continuam sendo uma aspiração para a população mundial”. Neste sentido, registramos a necessidade de superar desafios impostos sobre as relações de corpos com o cotidiano histórico e social. Apontamos a reflexão crítica para oportunizar outras leituras, outras aprendizagens, outras epistemologias, enfim.

Por fim, cumpre-nos destacar que a valorização e respeito das diversas narrativas -oral, imagética, documental - que compõem a memória e a história da Guerra de Canudos, oportunizou-nos um rico material de pesquisa. A partir dele pudemos estabelecer relações entre a história passada e presente e ampliar a capacidade de reflexão crítica sobre a importância da formação integral no desenvolvimento do sujeito histórico e suas implicações na História da Educação, dos corpos e culturas de países e situações periféricas, pontos importantes para a produção de outras bases e possibilidades de reinvenção da emancipação social.

**Palavras-chave:** Histórias e memórias. Corpos e culturas. Canudos. Nordeste. Metáforas.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios. São Paulo: Ateliê Ed.,2003.



CUNHA, Euclides da. **Os sertões**: Campanha de Canudos. 6.r. São Paulo: Martin Claret, 2013.

ELIAS, Rodrigo et al. Canudos Guerra dos Brasis. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, n.º111, Ano 10, dezembro, 2014.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

NETO, Otoniel. **Os Sertões**: impressões e Pinturas. Brasília: Edição do Autor, 2011.

GONÇALVES F., José M. Prefácio: a invisibilidade pública. In: COSTA, Fernando B. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004. (p.9-48).

PINSKY, Carla Bassanezi. (organizadora) Vários autores. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SILVA, Maria Cecília de Paula. **Do corpo objeto ao sujeito histórico**: perspectivas do corpo na história da educação brasileira. Salvador: EDUFBA, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Corpo e suas metáforas** – do corpo e da cultura do Nordeste do Brasil no passado e no presente - é tudoNordeste? Brasília: CAPES, processoProcesso BEX 6990/14-2, 2014.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Ed. Cultrix ; Ed. Univ. de São Paulo, 1980.